

O INCONFESSÁVEL EM GRUPO

Francisco Salgado

Psicólogo clínico, grupanalista
Membro efectivo da Sociedade Portuguesa de Grupanálise

Teresa Silva Pinto

Médica psiquiatra, psicóloga clínica, grupanalista
Membro efectivo da Sociedade Portuguesa de Grupanálise

RESUMO

O amor à verdade que nos fala Bion é um instrumento terapêutico de reconhecida importância.

Neste sentido, os segredos dos analisandos são apresentados como resistências ao processo analítico, que de acordo com a experiência clínica dos autores, surgem aparentemente como material consciente não verbalizado, quer em contexto de psicoterapia individual, quer em grupanalise.

Aborda-se o problema da confissão, para de seguida se reflectir sobre o seu impacto na relação terapêutica analista-analisando em contexto grupanalítico.

Por fim, tecem-se algumas considerações sobre a analisabilidade ou não analisabilidade destes casos clínicos, bem como o seu manejo técnico em grupanalise.

PALAVRAS-CHAVE

Segredo, confissão, resistência, grupanalise.

I. O AMOR À VERDADE

Tal como Freud, Bion deu uma importância muito especial à verdade, considerando-a essencial para o crescimento mental e sem a qual o aparelho psíquico não tem possibilidades de se desenvolver.

Na sua teorização sobre os vínculos, Bion (cit. in Zimmerman, 2001) juntou aos vínculos do amor (L) e do ódio (H), o vínculo do conhecimento (K) que tem no não conhecimento (-K) um processo automutilador, impeditivo do acesso a verdades penosas, quer externas quer internas.

A função egóica relativa ao conhecimento ou ao não conhecimento, adquire uma importância muito particular na actual prática analítica, por estar intimamente ligada aos problemas que dizem respeito à verdade, à falsidade e à mentira, inconscientes ou conscientes e pelo facto do conhecimento da verdade, poder ser o caminho de acesso a si próprio, isto é, ao próprio ser.

Bion insistiu sobre a forma como o analista deve transmitir a verdade através das interpretações, dizendo-nos: "Amor sem verdade não é mais do que uma paixão; e verdade sem amor não passa de uma crueldade" (cit. in Zimmerman, 2001).

O vínculo do conhecimento (K) está ligado ao mundo da verdade (ou falsidade e mentira no caso de -K) o que permite depreender a enorme importância que representa para a psicopatologia, tendo em linha de conta que os diversos tipos e graus de (K) depen-

dem directamente das defesas que o ego utiliza para a negação do sofrimento mental. Como exemplo mais comum de menos conhecimento (-K), temos o ataque à verdade utilizada pela parte psicótica da mente. Em casos extremos, o indivíduo constrói a sua própria verdade à margem do pensamento lógico, tentando impô-la aos outros como verdade absoluta (Bion, cit. in Zimerman, 2001).

Zimerman (2000) acrescenta a estes três vínculos o do reconhecimento, realçando neste vínculo a importância do indivíduo poder (re)conhecer aquilo que preexiste dentro dele, mas cujo conhecimento lhe está oculto. E diz: "Qualquer pensamento, conhecimento ou sentimento requer ser reconhecido pelos outros, de forma análoga à que acontece na relação bebé-mãe, e isso torna-se factor fundamental para o sujeito adquirir o sentimento de existência."

Bion (cit. in Zimerman, 2001) nos seus estudos sobre as perturbações do pensamento, do conhecimento e da linguagem de psicóticos, tentou explicar a razão do ataque aos vínculos (*linking*). Assim para Bion, o ataque aos vínculos consiste numa tentativa inconsciente, a partir da parte psicótica da mente do paciente, de impedir que o analista (e ele próprio) possam vincular-se e ter acesso à sua intimidade, impedindo assim ligações entre as diferentes partes do próprio analisando.

Desta forma, a parte psicótica da mente que ataca toda a actividade de ligação da parte não-psicótica da mente, impede a formação de símbolos, bloqueando assim o desenvolvimento do pensamento verbal, indispensável à tomada de consciência e ao reconhecimento da realidade.

Estamos então no domínio da resistência, aspecto sobre o qual devemos reflectir um pouco.

II. A RESISTÊNCIA

Como é conhecido, a evolução do conceito de resistência na prática analítica sofreu profundas transformações. No início, era considerada unicamente como um obstáculo, cujo surgimento era inconveniente. Hoje em dia, embora se reconheça a existência de resistências que dificultam o desenrolar bem sucedido de uma análise, na maioria das vezes, o aparecimento das resistências no processo analítico é bem-vindo, representando com fidelidade, a forma como o indivíduo se defende e resiste no seu quotidiano. Assim como nos sugere Zimerman (2001), podemos dizer: "Diz-me como resistes e dir-te-ei quem és."

Continuando com Zimerman, a classificação das resistências obedece a diferentes critérios dos quais destacaríamos, por um lado, os clínicos: faltas, atrasos, intelectualizações, silêncios exagerados ou prolixidade e os segredos..., por outro, os critérios de finalidade das resistências, de que são exemplo:

1. A resistência contra a regressão (medo da psicose ou parte psicótica da mente).
2. A resistência contra o abandono da ilusão de uma eterna simbiose.
3. A resistência contra o abandono do pensamento mágico, isto é, tentativa de controlo do pensamento do analista e/ou do grupo.
4. A resistência contra a vergonha, culpa ou humilhação de colapso narcísico.

As resistências podem ainda ser ataques às funções do ego, ou ao analista, originando dificuldades da capacidade de perceber, sentir e pensar, sendo consideradas então como ataques ao vínculo do conhecimento (K+).

Estas resistências utilizam defesas do tipo narcísico, de natureza psicótica como são a onnipotência, a onisciência, a prepotência, a confusão entre verdade e ilusão.

A resistência narcísica é então uma negação maciça e constitui uma armadura contra o vínculo da dependência, contra qualquer mudança psíquica verdadeira, isto é, contra o vínculo do conhecimento (K+).

De acordo com a conceptualização da psicanálise vincular (Zimerman, 2001), não é possível dissociar completamente a resistência do paciente da contra-resistência do analista, podendo mesmo surgir a constituição de conluios resistenciasais/contra-resistenciasais. As resistências em situação analítica podem também manifestar-se contra o próprio *setting*, contra as interpretações (reversão da perspectiva descrita por Bion) e contra a elaboração, como é o caso dos pseudocolaboradores, que no fundo não querem fazer verdadeiras mudanças.

As contra-resistências podem corresponder a pontos cegos do analista ou à mente saturada do analista, pelas identificações projectivas decorrente da relação transferencial.

Como nos diz Zimerman (2001), é frequente os pacientes oferecerem resistência à mudança: desejam curar-se, mas não acreditam nas melhoras, acham que não as merecem, ou receiam voltar a sentir experiências dolorosas de traição e humilhação. Assim o seu objectivo é sobreviver e não viver.

Em síntese, na situação analítica, enquanto houver resistências que pugnam pela existência, persiste a esperança. A forma mais grave de resistência é o estado mental de desistência, que cronifica a (des)esperança, levando o paciente a não esperar mais nada da análise e da vida.

Na prática clínica os critérios de indicação/contra-indicação, referidos ao diagnóstico, ao grau de patologia e prognóstico, têm sido progressivamente alterados por critérios de acessibilidade, que avaliem a motivação para a mudança, a resistência de acesso ao inconsciente, bem como as capacidades positivas.

Zimerman (1993, cit. in Almeida, 2001) ao equacionar "as manifestações resistências em grupanálise" refere, entre outras, "o prejuízo da comunicação verbal através de silêncios excessivos" e a "manutenção de segredos por parte de pacientes em relação às confidências que fizeram ao terapeuta, mas que sonegam aos outros membros do grupo ou de todo o grupo em relação ao terapeuta, daquilo que falaram entre si, fora do enquadramento grupal".

Num movimento oposto ao segredo como resistência, está o acto de o confessar, a confissão.

O que é então a confissão?

III. A CONFISSÃO

Para Michel Foucault (cit. in Gross, 2001) a confissão deve ser vista como "uma maneira de submeter o indivíduo, requerendo dele uma introspecção indefinida e o enunciado de verdade sobre ele mesmo"; já para Theodor Reik (1997), é a confissão, ou melhor, a compulsão a confessar, que permite que as pulsões e desejos inconscientes tenham acesso ao consciente, libertando assim o indivíduo da sua neurose.

Assim, na abordagem de Foucault (1976), a confissão torna-se sobretudo um imperativo de transformação do desejo em discurso. Um discurso sobre si, que a partir do mundo interno e num movimento reflexivo, destina ao outro a própria verdade.

É com este imperativo de falar, que o dispositivo da confissão se inscreve num outro dispositivo, o da sexualidade.

Foucault (1976) diz-nos: "O que é próprio das sociedades modernas não é ter-se condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim ter-se devotado a falar dele, valorizando-o sempre como segredo."

É então em torno de um segredo incessantemente escondido e ao mesmo tempo inescotavelmente dito, que se constrói uma necessidade de descodificação, de interpretação.

Assim, o dispositivo da confissão é o caminho privilegiado e talvez o único possível para essa descodificação e da procura da verdade.

Conforme nos diz Foucault (1976): "A verdade, na região mais secreta de nós próprios, não exige nada mais do que revelar-se (...) a confissão liberta, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem parentesco, na sua origem, com a liberdade."

A articulação entre verdade, sujeito, sexualidade e poder é uma característica essencial do dispositivo da confissão.

Para Foucault (1976), é a partir do acto da confissão, que o indivíduo num só movimento encontra a sua verdade enquanto sujeito e se submete ao outro, submetendo-se às exigências do poder. Falar de si, é ao mesmo tempo um acto de conhecimento e de desconhecimento, de construção de si-mesmo e de alienação de si, em nome de uma identidade pré-definida, imposta pelos dispositivos do saber e do poder.

Reik (1925), a partir da sua experiência clínica, fala-nos da existência de uma tendência inconsciente a confessar. A confissão seria assim um movimento próprio do funcionamento do aparelho psíquico, interligado ao sistema pulsional, ao inconsciente.

Há assim na confissão algo para além do enunciado.

A confissão escapa desta forma ao controlo do eu e a verdade é despoletada através da interpretação na relação transferencial. É a palavra do analista pela interpretação, que desvenda o que é inconsciente, sendo o confessado dirigido a alguém que não é o destinatário original.

Freud (1900) mostrou que a expressão verbal é indispensável à tomada de consciência. Pela confissão, tem-se acesso ao conhecimento de si-próprio.

Reik (1925) sinalizou três factores terapêuticos na confissão:

1. A gratificação como consequência da actualização do desejo ou pulsão recalçada.
2. O alívio da tensão pulsional, com consequente diminuição da angústia, permitindo superar a interdição/resistência.
3. Tornar consciente o inconsciente, através da verbalização.

A compulsão à confissão (Reik, 1925), ligada directamente às pulsões, sendo de natureza inconsciente, diz respeito à própria constituição do aparelho psíquico e seus modos de funcionamento. Assim, a compulsão à confissão viabiliza o objecto do tratamento analítico: tornar consciente o inconsciente.

Posto isto, será a grupanálise um *setting* facilitador da confissão?

Não será antes o grupo um elemento constrangedor à expressão das dificuldades do acto de confessar?

Analisemos resumidamente como é entendida e praticada a grupanalise em Portugal.

IV. A CONFISSÃO EM GRUPANÁLISE

Cortesão em 1974 definiu processo grupanalítico como o modo pelo qual as várias dimensões teóricas e técnicas – que contribuem para dar corpo e forma à terapia grupanalítica – são estruturadas, organizadas e desempenham uma função.

As dimensões teóricas são essencialmente provenientes do corpo psicanalítico; as dimensões técnicas ou procedimentos operatórios específicos, pertencentes a uma teoria da técnica grupanalítica.

Tendo como núcleo fundamental do processo terapêutico em grupanalise a neurose de transferência, o grupo português, por alguns designado a escola de Lisboa, introduziu desde cedo modificações na técnica, que as diferenciaram das propostas por S. H. Foulkes (1975).

Neste contexto, o processo grupanalítico implica necessariamente a tomada em linha de conta de conceitos como o de padrão grupanalítico, matriz grupanalítica, neurose de transferência, sua interpretação e conseqüente elaboração terapêutica. A estes conceitos ligam-se os dos níveis de experiência e de interpretação, bem como os processos contratransferenciais.

Como nos diz Cortesão (1974) a elaboração terapêutica e a neurose de transferência são o âmago e o eixo do processo grupanalítico e as interpretações constituem a contribuição principal do grupanalista.

Relativamente ao *setting* individual, o grupo apresenta características específicas que poderão interferir na facilitação da confissão. Assim, recorrendo uma vez mais a Zimerman (2001):

1. O grupo comporta-se como uma galeria de espelhos, onde cada sujeito se reflecte e é reflectido pelos outros, possibilitando perceber com mais acuidade e nitidez os fenómenos de especularidade resultantes dos processos de identificação projectiva e introjectiva, que ocorrem permanentemente nos grupos.

2. O grupo, favorece a observação da normalidade e da patologia da comunicação verbal e não verbal.

3. O grupo comporta-se com função continente, viabilizando a satisfação de necessidades narcísicas de pacientes muito regredidos.

4. Um outro aspecto importante que ocorre muito claramente no grupo é o vínculo do reconhecimento, isto é, a necessidade de se ser aceite na sua singularidade, ser respeitado, valorizado, desejado e amado.

5. Finalmente destacaríamos a possibilidade de ocorrência de “fantasias compartilhadas” entre diferentes elementos do grupo, podendo ser reconhecidas e traduzidas através da interpretação.

Tratando-se de um *setting* analítico que parece gozar de um contexto facilitador da confissão, como se explica então o inconfessável em grupo?

V. DISCUSSÃO

O segredo em *setting* individual ou de grupo pode constituir-se como uma verdadeira resistência ao processo analítico, resistência que utiliza defesas de tipo narcísico e psicótico, como a onipotência sobre o pensamento do analista e/ou do grupo.

É uma negação maciça sobre a interpretação da própria resistência e nesse sentido um ataque ao vínculo do conhecimento do analista e/ou do grupo.

Assim, através do mecanismo de identificação projectiva as partes psicóticas da mente são projectadas no analista e/ou no grupo, constituindo-se estes como espelho da parte oculta do indivíduo e objecto de ataque.

Na incapacidade de expressar a violência das pulsões agressivas por receio de colapso narcísico, o indivíduo poderá abandonar o *setting* analítico (*drop-out*), inviabilizando-o e reforçando assim o primado vencedor da defesa onipotente/psicótica.

O primado da defesa onipotente expressa assim igualmente um ataque feroz aos vínculos de dependência e do conhecimento, pondo em causa o amor à verdade e questiona a analisabilidade de alguns pacientes.

Este tipo de defesas narcísicas representam organizações que nos recordam necessidades básicas de sobrevivência, ocupando espaços psíquicos maiores que as defesas edípicas.

Assim, antes do desejo, existe a necessidade que se não for intuída, satisfeita pelo analista, através da função *alfa-rêverie*, inviabiliza o processo analítico.

Conforme vimos na concepção da análise vincular, se há resistência há uma contra-resistência.

Esta poderá corresponder a pontos-cegos do analista.

A mente do analista, poderá ficar saturada de identificações projectivas, originando um estado de confusão, com prejuízo da sua capacidade perceptiva, ficando enredado num jogo resistencial, que podemos designar de estado de contra-resistência.

A resistência em grupos pode ainda manifestar-se sob a forma de conluios recíprocos, entendendo-se por conluios uma combinação muda e inconsciente de não abordar este ou aquele tema ou área.

O conluio inconsciente (Zimerman, 2001) configura-se como uma relação de poder sadomasoquista com o analista e/ou com dois ou mais elementos do grupo, através das transferências laterais.

Ao nível do manejo da técnica grupal, a resistência, como já vimos, pode tornar-se um excelente instrumento de trabalho analítico.

Zimerman (2001) sugere a transformação das resistências egossintónicas em egodistónicas, de forma a haver uma aliança terapêutica e poderem ser analisáveis.

O analista deve fazer um ataque aos vínculos perversos que possam existir entre as partes diferentes e contraditórias de cada um dos elementos do grupo, as quais se manifestam na relação transferencial.

Deve-se estar atento ao destino das interpretações na mente do paciente.

Para Bion (cit. in Zimerman, 2001) um analista em pleno exercício das suas funções, deve aliar três estados da sua mente: ser um cientista em busca da verdade; ser um místico em permanente estado de fusão com a verdade incognoscível; e ser um artista para captar o sentido estético das comunicações, sabendo-as comunicar eficazmente.

De acordo com a experiência clínica dos autores, os "segredos inconfessáveis" ocorrem quer em psicoterapia individual, quer em grupanálise.

Trata-se de resistências que em limite questionam as zonas fronteiriças entre o domínio da técnica analítica e as próprias limitações dos *settings* analíticos.

O amor à verdade é um instrumento contratual essencial no processo analítico.

Nesse sentido a personalidade do analista, isto é, a sua identidade e autenticidade, são hoje instrumentos técnicos cada vez mais valorizados nos *settings* analíticos.

Pelo contrário o "segredo inconfessável" do analisando é uma resistência, um sintoma, que corrói este contrato e que nos faz questionar/reflectir sobre as indicações/contraindicações para o tratamento analítico.

RESUMÉ

L'amour à la vérité comme nous dit Bion, est un instrument thérapeutique dont l'importance est reconnue.

Dans ce sens, les secrets des personnes analysées sont présentés comme étant des résistances au processus analytique, qui selon l'expérience clinique des auteurs, apparaissent apparemment comme matériel conscient non verbalisé, soit dans le contexte de la psychothérapie individuelle, soit en groupanalyse.

On aborde la question de la confession, pour ensuite réfléchir sur son impact sur la relation thérapeutique analyste-patient dans le contexte groupanalytique.

Enfin on dresse quelques considérations sur la possibilité d'analyser ou pas ces cas cliniques, aussi bien que son maniement technique en groupanalyse.

MOTS-CLÉS

Secret, confession, résistance, groupanalyse.

SUMMARY

The love of truth, which Bion details, is a therapeutic instrument of acknowledged importance.

Hence, the secrets of those under analysis are presented here as a means of resisting the analytical process which, according to the authors' clinical experience, emerges as apparent non-uttered conscious material whether within individual psychotherapy or in group-analysis.

We explain the problem of confession before considering the impact of the therapeutic analyst-analyzed relationship within a group-analytical context.

We finally draw some conclusions on the analyzability or non-analyzability of such clinical cases in addition to the manner this is actually handled in group analysis.

KEYWORDS

Secret, confession, resistance, group analysis.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. A. F. (2001), "A Linguagem do Silêncio" in *Revista Portuguesa de Grupanálise*, n.º 3 (Outono).
- CORTESÃO, E. L. (1989), *Grupanálise – Teoria e Técnica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- FOUCAULT, M. (1984), *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*, Graal Editora, Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (2001), *A Interpretação dos Sonhos*, Imago Editora, Rio de Janeiro.
- GROS, F., "Situation du cours" in FOUCAULT, M. (2001), *L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France (1981-1982)*, Seuil, Paris.
- REIK, T. (1997), *Le besoin d'avouer – psychanalyse du crime et du châtement*, Petite Bibliothèque Payot, Paris.
- ZIMERMANN, D. (2001), *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*, Artmed Editora, Porto Alegre.